

## **Jornadas nacionais de catequistas**

**26 a 28 de outubro de 2018**

### ***Ser catequista hoje***

#### **1 - O Plano de formação de catequistas**

O atual plano de formação de catequistas, aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, na linha do plano anterior, pretende garantir uma formação atualizada a todos os catequistas. Com os contributos dos recentes documentos do Magistério sentiu-se a necessidade de um novo plano que seja consentâneo com a urgência de uma conversão missionária da catequese. Nesta linha, o plano centra-se na pessoa do catequista, destacando como primordial tarefa da formação a tomada de consciência do ser do catequista, considerando-o como discípulo e guia espiritual que acompanha no caminho do Senhor. Com base na reflexão teológica contemporânea, a categoria do encontro com Jesus Cristo preside à consideração do ser do catequista, que no seu caso implica um encontro pessoal, permanente, progressivo e transformador de todo o seu ser e agir.

O plano de formação tem como modelo inspirador a catequese de adultos, *potenciando a identidade do catequista, discípulo missionário, inserido na comunidade cristã*. Assim, privilegiam-se as seguintes opções formativas:

- a. Opção querigmática, em que o primeiro anúncio tem uma importância fundamental e permanente na formação e missão do catequista. Respeitando o princípio da hierarquia das verdades o catequista é chamado, em todas as circunstâncias, a anunciar o querigma.
- b. Opção mistagógica em que o catequista é chamado a conduzir os outros à fé através da contemplação dos sinais litúrgicos. Adquire especial relevo, neste contexto, o reconhecimento da progressividade da experiência cristã e a promoção da via da beleza.
- c. Opção bíblica, isto é, fundamentada continuamente na palavra de Deus. O catequista encontra na palavra de Deus, escutada, meditada, celebrada, vivida e testemunhada o fundamento do seu anúncio. Seguindo a metodologia de uma catequese de adultos em três momentos (Experiência de vida, encontro com a Palavra, expressão e vivência de fé) dá-se primazia ao encontro com a Palavra de Deus, pela interiorização, reflexão e vivência.

- d. Opção eclesial que promova um serviço catequético feito em comunhão com a Igreja. Neste sentido é da maior importância o acompanhamento pessoal dos catequistas que, ao mesmo tempo, os capacite para acompanhar o processo de crescimento na fé de cada catequizando.
- e. Opção processual baseada numa proposta sistemática, orgânica e integral, tendo em conta a especificidade do ministério do catequista, seguindo uma lógica catecumenal articulada em quatro etapas: 1) inicial, 2) fundamental, 3) formação de coordenadores, 4) formação de formadores.

## **2 – As dimensões querigmática e mistagógica da catequese.**

A renovação da Igreja contemporânea, na senda do Concílio Vaticano II, e as dificuldades crescentes na transmissão da fé fizeram da evangelização um elemento central da missão da Igreja. Nesta linha, têm sido valorizadas as dimensões querigmática e mistagógica do processo evangelizador. A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta a centralidade do querigma, referindo-o como o primeiro, não apenas em sentido temporal, mas em sentido qualitativo: «é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, numa forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos» (EG 164). Neste sentido, o documento refere-se à necessidade de uma catequese querigmática «que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena» (EG 165).

A mistagogia, sendo, hoje em dia, uma categoria de difícil compreensão cultural, constitui um elemento essencial da tradição cristã. No processo de iniciação à fé, o tempo da mistagogia coincide com o momento de apropriação do mistério e de descoberta da beleza da fé. Ser iniciado significa experimentar um encontro com Cristo que transforma a vida e introduz nos mistérios da salvação. A catequese é mistagógica na medida em que conduz à experiência da verdade e ao mistério; é encontro com a Palavra e imersão na vida litúrgica, permitindo entender, acolher e viver os mistérios da fé, ajudando a compreender, a seguir e a realizar os

gestos de Cristo: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22, 19) “como eu fiz, fazei-o vós também” (Jo 13, 15).

Querigma e mistagogia completam-se. O querigma aponta para a contemplação do mistério. Se a experiência de vida é tocada pelo anúncio salvador de Cristo, ela precisa de ser conduzida à celebração da sua presença sacramental onde se saboreia “como o Senhor é bom” (Sl 34, 9), onde se vive em cheio o que aconteceu. Querigma e mistagogia exigem: linguagem clara, tensão de sintonia, discernimento pastoral, menos palavras e mais Palavra, valorização do silêncio “que fala”, primado da interioridade, liturgia mais contemplativa.

### **3- A Palavra de Deus lida, refletida e rezada na catequese**

A palavra de Deus escrita na bíblia constitui uma das fontes essenciais da catequese e o seu livro fundamental. Relativamente à relação entre sagrada escritura e catequese, o diretório geral refere que a catequese «deve embeber-se e permear-se com o pensamento, com o espírito e com as atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um assíduo contato com tais textos» (DGC 127). Reconhecer a importância da palavra de Deus na catequese implica descobrir a força da sagrada escritura enquanto narrativa. A bíblia é narração da história da salvação de Deus com os homens, uma história que partindo de experiências humanas significativas as interpreta à luz da fé. O sentido da vida e da história vai-se transmitindo e desenvolvendo por meio dos acontecimentos contemplados pela fé que apelam à fidelidade à aliança e à conversão. Neste sentido, a narrativa bíblica está para além de uma narrativa histórica, não sendo, todavia, nem pura ficção, nem criatividade artística, nem mera expressão poética. Ela esconde a verdade debaixo de uma mensagem simbólica, convidando a aceder ao acontecimento salvífico e apelando ao sentido da fé. Os acontecimentos narrados não são registos fotográficos, mas radiografias que penetram no seu interior e sentido espiritual. O que é relatado no presente não é apenas recordação de acontecimentos do passado, mas memorial atualizador da salvação; faz memória de um passado recordando-o e relendo-o e perspetiva o futuro.

Parte essencial da utilização da sagrada escritura na catequese é a justa compreensão da relação entre o antigo e o novo testamento, cujo centro interpretativo é a pessoa de Cristo. A Exortação *Verbum Domini* refere-se a uma cristologia da palavra para o exprimir: «A raiz do cristianismo encontra-se no Antigo Testamento e sempre se nutre desta

raiz (...) o próprio Novo Testamento se diz em conformidade com o Antigo e proclama que, no mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, encontraram o seu perfeito cumprimento as Escrituras Sagradas do povo judeu» (VD 40). Neste sentido, se o novo testamento se entende como cumprimento das escrituras, sem o antigo testamento os escritos cristãos seriam indecifráveis. A interconexão textual constitui um elemento essencial da prática do *midrash* ou interpretação da bíblia pela bíblia que a catequese é chamada a conhecer e a desenvolver.

Adquire, neste contexto, especial importância a leitura orante da Palavra ou *lectio divina*, no sulco da tradição da Igreja, também na catequese, como «modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito» (EG 152). A catequese deve ser «uma autêntica introdução à *lectio divina*, isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita *segundo o Espírito* que habita na Igreja» (DGC 127).

#### **4 – O ícone bíblico de Emaús**

##### ***A caminho com eles***

A narrativa de Emaús (Lc 24, 13-35) pode constituir o pano de fundo que preside ao momento atual da reflexão catequética em Portugal. Vivemos um momento de graça, em grande parte, motivado pelo *estilo* ou maneira de proceder que tem presidido às iniciativas promovidas pelo secretariado nacional de educação cristã. A atitude de Jesus de se pôr a caminho constitui o ícone da nossa ação eclesial. Sentimo-nos acompanhados, envolvidos e responsabilizados. O presente plano de formação de catequistas é expressão de uma Igreja que se quer a si mesma em saída, concretizando o «sonho missionário de chegar a todos» (EG 31). O modo sinodal de elaboração do plano de formação e agora continuado na sua promoção e aplicação é um dom que somos chamados a agradecer e a acompanhar com a nossa oração.

##### ***Que palavras são essas que trocáis entre vós?***

Depois de se pôr a caminho com eles, Jesus toma a palavra e questiona os discípulos, mostrando um interesse infinito pela sua conversação. É a partir da ação primeiriadora de Jesus que chegamos à centralidade do catequista no processo formativo. O plano de formação de catequistas

apresenta-o na condição de discípulo e testemunha, ou segundo a linguagem da exortação *Evangelii Gaudium*, como «discípulo missionário». A condição discipular implica um movimento de seguimento autêntico de Jesus, um estar-com Ele, para aprender d'Ele e com Ele, seguindo-o no caminho. A experiência de relação com Jesus gera vidas transformadas em testemunho, vidas que são presenças vivas do Evangelho.

O desafio do discipulado missionário exige que sejamos capazes de dizer Deus a grande parte dos nossos catequistas, de o tornar compreensível, amável e desejável. Isto implica não só perceber que as resistências à fé afetam também os catequistas, como a sua compreensão do ato de crer participa da condição pós-moderna que acentua a dimensão individual do crer.

### ***Narrou-lhes tudo o que lhe(s) dizia respeito***

A acentuação da personalização do crer constitui um desafio à nossa prática formativa, na medida em que nos mobiliza para a urgência de reconhecer como o *kerigma* se atualiza na vida e na história de cada pessoa. A dimensão mistagógica da formação está ao serviço de uma recomposição atual da existência cristã.

O facto de se acentuar com maior relevância o primeiro e o último momento do processo de evangelização diz-nos que também na formação de catequistas temos de estar atentos às periferias. Constatamos que a preocupação por uma formação orgânica e sistemática, dando como pressupostos o *kerigma* e a mistagogia, os relegam para um lugar marginal ou até esquecido. *Kerigma* e a mistagogia desafiam-nos a olhar a pessoa e a sua situação em contexto formativo. Por isso, são relevantes, sob este ponto de vista, a narrativa da história de vida, a releitura da experiência pessoal, o envolvimento da pessoa no seu processo formativo, a tomada de consciência das suas transformações e a atualização do anúncio principal da fé nos processos ou passagens de vida dos catequistas, seja no caminho espiritual, na vida familiar, nas perdas da vida adulta, etc. Daí que dos formadores se reclame uma atenção especial à explosão narrativa característica da sociedade contemporânea, isto é, à necessidade de se dizer a si mesmo e de se mostrar e à possibilidade de encontrar palavras e linguagens para dizer a experiência crente. É na palavra da escritura que o catequista competente encontra a possibilidade de se imaginar, de ficcionar espiritualmente a realidade, de *midrashizar* a sua própria experiência. É mergulhando na fonte viva das escrituras e da tradição que o que faz sentido para si, se torna capacidade de anúncio insculturado e assertivo.

### ***O reconhecimento do ressuscitado ao partir do pão***

A narrativa de Emaús alcança o seu auge na manifestação do ressuscitado, no gesto de partir o pão. A dimensão mistagógica da experiência cristã conduz o catequista a ser testemunha do mistério, a experimentar e anunciar que Jesus se torna seu contemporâneo. Na sua recente mensagem aos catequistas, o Papa escreveu a este propósito: «na vida sacramental, que encontra o seu ápice na Eucaristia, Cristo é contemporâneo com a sua Igreja: acompanha as vicissitudes da sua história e nunca está longe da sua Esposa. É Ele que se torna vizinho e próximo de quantos o recebem no seu Corpo e no seu Sangue, e se tornam instrumento de perdão, testemunhas da caridade com aqueles que sofrem, e participantes ativos na criação da solidariedade entre os homens e os povos» (Papa Francisco, Mensagem aos catequistas no II congresso internacional de catequese, 22/709/72018).

### ***Partiram de regresso a Jerusalém***

No final da narrativa de Emaús, os discípulos partem transfigurados pelo encontro com o ressuscitado. A experiência de ter o coração a arder pela força da Palavra e da Eucaristia faz-nos sair ao encontro de todos, caminhando com eles e acompanhando-os. Também nós, ao partirmos para as nossas dioceses, saímos de regresso a Jerusalém, o lugar onde encontraremos os outros discípulos. Conscientes dos nossos limites e fraquezas, agradeçamos o pequeno passo na evangelização dos catequistas e na transformação missionária da Igreja dado nestas jornadas.

### **5 – Texto orante**

Senhor Jesus Cristo, para este encontro, viemos com a alegria de sermos teus discípulos missionários, convictos da necessidade de formação, em todas as suas dimensões, pois não podemos transmitir o que não conhecemos nem vivenciamos.

Partindo da Palavra que és Tu, somos chamados à conversão e ao encontro cada vez mais profundo contigo!

Concede-nos o dom de sermos testemunhas do Teu Amor incondicional.

Que da nossa boca, volte a ressoar sempre o primeiro Anúncio:

“Jesus Cristo ama-te, deu a Sua Vida para te salvar e agora vive contigo, todos os dias, para te iluminar, fortalecer, libertar” (EG 164)

Entregamos-Te todos aqueles que nos são confiados, pelas nossas comunidades, para que encontrem em Ti a Fonte da alegria e da verdadeira felicidade.

Nós Te agradecemos porque queres continuar a precisar de cada um de nós para despertarmos no mundo o desejo de Te conhecer e amar.

Maria, “Estrela da nova evangelização, ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão, do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça e do amor aos pobres, para que a alegria do Evangelho chegue até aos confins da terra...” *EG 288*

Amén

Paula - Angra

Filipa - Braga

Gerardo - Funchal

Irmã Margarida - Leiria-Fátima

Olívia - Lisboa

Diogo - Portalegre-Castelo Branco

P. Tiago - Lisboa

P. Zé Tó - Portalegre-Castelo Branco